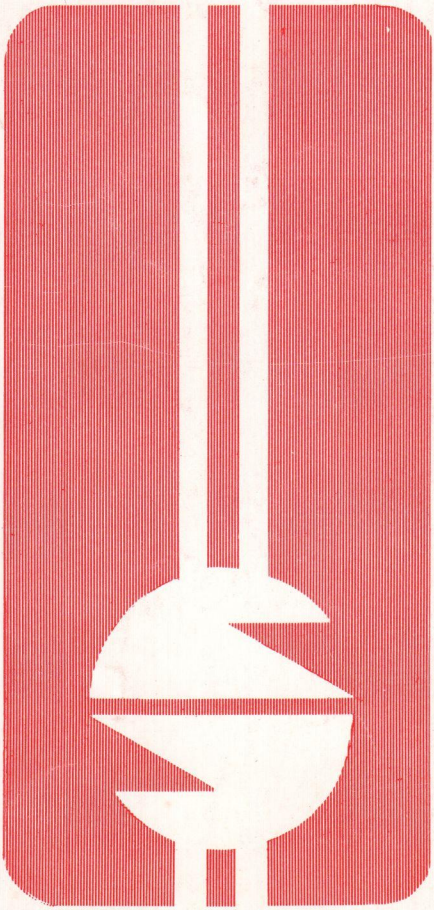
Faculdade
de Ciências Econômicas
UFRGS

análise econômica

nesta edição:

- **PIERO SRAFFA: 1898 - 1983**
  Nicholas Kaldor
- **A BUSCA DOS FUNDAMENTOS, SEM CHOQUES**
  Yeda Rorato Crusius
- **ESTADO E ACUMULAÇÃO DO CAPITAL**
  Paulo Nakatani
- **ABASTECIMENTO ALIMENTAR BRASILEIRO**
  Edgar Irio Simm
- **POLÍTICA RIOGRANDENSE NA REPÚBLICA VELHA**
  Céli Regina J. Pinto



ano 5 nº 8

REITOR: Prof. Francisco Ferraz
DIRETOR DA FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS:
Prof. Edgar Irio Simm
VICE-DIRETOR: Prof. Walter Meucci Nique
CHEFE DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS:
Prof. Ernani Hickmann

CONSELHO EDITORIAL:

Prof. Pedro Cezar Dutra Fonseca (Presidente)
Prof. Achyles Barcelos da Costa
Prof. Carlos Augusto Crusius
Prof. Claudio Francisco Accurso
Prof. Edgar Augusto Lanzer
Prof. Ernani Hickmann
Prof. Juvir Mattuella
Prof. João Rogério Sanson
Profª Maria Imilda da Costa e Silva
Prof. Nali de Jesus de Souza
Prof. Nuno Renan L. de Figueiredo Pinto
Profª Otilia Beatriz Kroeff Carrion
Profª Yeda Rorato Crusius
Prof. Paulo Alexandre Sphor
Prof. Roberto Camps Moraes

FUNDADOR:
Prof. Antonio Carlos Rosa

ANÁLISE ECONÔMICA publica dois números anuais nos meses de março e novembro. O preço da assinatura para 1987 é Cz$ 60,00, a ser pago através de cheque nominal para "Faculdade de Ciências Econômicas – UFRGS". Aceita-se permuta com revistas congêneres. Aceitam-se, também, livros para elaboração de resenhas ou recensões.

Toda a correspondência, material para publicação, assinaturas e permutas devem ser dirigidas a:

Prof. PEDRO CEZAR DUTRA FONSECA
Revista Análise Econômica
Av. João Pessoa, 52 – 3º andar
90.000 – Porto Alegre (RS) – Brasil

RESENHA

MICROECONOMIA: *Teoria, Modelos Econométricos e Aplicações à Economia Brasileira. Fernando de Holanda Barbosa. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1985. (Série PNPE, 10).*

Um dos sérios problemas dos livros de microeconomia é o seu distanciamento da realidade. Embora buscando explicar fenômenos econômicos documentados de longa data, a maioria dos textos guarda um bom distanciamento dos estudos empíricos. O resultado é a sensação de qual teoria não passa de mero brinquedo intelectual ou de um instrumento ideológico para mascarar as relações sociais. Porém, alguns textos às vezes tentam mostrar testes ou aplicações destas teorias. De modo geral, as aplicações ainda são gerais demais, ou então, quando mais específicas, referem-se a estudos baseados nas economias de outros países. Pode ficar sempre a suspeita de que o Brasil é um caso a parte no que diz respeito ao funcionamento dos mercados.

O texto de Fernando de Holanda busca justamente combinar teoria econômica, modelos econométricos e aplicações especificamente brasileiras. Por conta de sua sólida base em Econometria, o autor disseca as aplicações apresentadas.

Os tópicos tradicionais dos livros de microeconomia estão cobertos: consumidor, produção, custos, firma, mercados e equilíbrio geral. Porém, em contraste com os textos usuais especialmente nas teorias do consumidor e da produção, a cobertura é bastante ampla, sempre voltada para as aplicações empíricas. Começa com a discussão de índices de custo de vida e da renda real, vai para equações de demanda, oferta de trabalho, produção familiar demanda por bens duráveis, estudo detalhado dos principais tipos de função de produção, oferta de produtos agrícolas e termina com índices de produto real e deflator implícito. Mais a nível teórico, há ainda a cobertura do modelo de insumo-produto e dos modelos usuais de concorrência imperfeita, acrescidos dos modelos de maximização da receita da firma e do preço-limite. De quebra, discute as medidas de concentração de mercado. Para cada um dos capítulos há boa bibliografia.

É claro que, apesar desta ampla cobertura, alguma coisa sempre vai ficar de fora nas teorias e aplicações daquilo que se designa como microeconomia, quando se considera a variedade de usuários para um livro como este. Acho, por exemplo, que num

texto que premia as aplicações de microeconomia não poderia ficar de fora a sua utilização nos estudos de projetos de investimentos, especialmente dos investimentos públicos. Não faltaria nem mesmo uma série de aplicações feitas no Brasil. Por conta disso, a teoria do bem-estar fica totalmente fora.

Para absorver a teoria e fazer as aplicações apresentadas é preciso ter um treinamento prévio em microeconomia a nível dos textos mais conhecidos (Ferguson, Bilas, Miller etc.), cálculo básico, álgebra linear e análise de regressão simples e múltipla. Trata-se do tipo de conhecimento que qualquer estudante graduado em economia deveria ter, se olharmos para o que se promete nas súmulas das disciplinas desse curso nas universidades brasileiras. Porém, a realidade nem sempre coincide com isso. O livro foi preparado para estudantes da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas, reconhecidamente uma escola que atrai estudantes de bom nível. Portanto, o nível exigido ao leitor é relativamente alto. Contudo, o leitor típico desse livro, que será o estudante do primeiro ano de pós-graduação em economia ou o profissional das áreas de aplicação citadas, em geral terá o treinamento requerido.

Estas observações são necessárias para evitar traumas e frustrações desnecessárias. Ainda lembro da minha época de estudante quando, alguns professores tentavam ensinar microeconomia a estudantes de graduação com o conhecido livro de Mário H. Simonsen com péssimos resultados pedagógicos. Um livro como o de Fernando de Holanda até poderia ser utilizado na graduação, desde que em final de curso, numa disciplina opcional para aqueles estudantes que já possuíssem a base necessária e se sentissem motivados a um esforço adicional.

A estática comparativa do consumidor e da firma é inicialmente apresentada na forma mais tradicional de determinantes, para depois ser complementada via a linguagem mais moderna e melhor adaptável às aplicações empíricas das funções indiretas. Adicionalmente, há a apresentação da estática comparativa em termos matriciais. Os resultados básicos da teoria do consumidor são assim reapresentados numa notação mais limpa do que a dos tradicionais determinantes e mais consistente com a notação da análise de regressão e dos programas de computadores. O leitor tem acesso, assim, a três formas alternativas de se apresentar os teoremas básicos da teoria do consumidor e da firma, todas voltadas para estudos empíricos.

Embora o forte do livro seja a ilustração do uso empírico do

modelo competitivo, há também uma cobertura de modelos alternativos. Porém, é preciso não esperar muito dessa parte. A verdade é que os próprios textos especializados em economia industrial, na maioria das vezes, limitam-se a listas infindas de modelos alternativos. De qualquer modo, fica a impressão de que a teoria do preço-limite aparece no livro mais para se mostrar como o mark-up é apenas um caso especial da teoria neoclássica dos mercados. Do mesmo modo, na seção sobre os preços no modelo de insumo-produto, pode ficar a impressão de que o modelo de Sraffa e a teoria do valor-trabalho não passam de casos especiais do modelo de Leontief. Porém, dada a pouca ênfase nesses pontos, deverão passar desapercebidos ao leitor menos purista. Por outro lado, exigir muitos detalhes sobre a relação entre a teoria neoclássica e aquelas correntes teóricas alternativas seria extrapolar os objetivos propostos .

O livro está bem editado, mantendo-se os erros de impressão a um nível mínimo e com uma boa apresentação dos gráficos. A única restrição que pode ser feita aqui é a falta de índices analíticos por assunto e por autor. Em parte, isso é compensado por um bem detalhado índice de conteúdo.

O propósito de ligar a teoria às suas aplicações é reforçado por listas de exercícios ao final de cada capítulo. Assim, o livro reforça sua preocupação de formar um economista com capacidade operacional nessa área do conhecimento econômico. Numa época em que o Brasil está passando pela experiência de tentativas governamentais mais intensas de controlar o funcionamento dos seus mercados e em que não apenas os empresários mas também os trabalhadores investem cada vez mais em conhecimentos técnicos de economia, o que pode ser ilustrado pelos debates recentes sobre índices de preços, a melhoria da capacidade operacional do economista poderá gerar bons dividendos privados e sociais.

João Rogério Sanson
Curso de Pós-Graduação em
Economia – UFRGS